



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ENTRE HÍBRIDOS E CIBORGUES: AS FICÇÕES ANTI-MODERNAS DE BRUNO LATOUR E DONNA HARAWAY

Renan Ritzmann de Oliveira*

Como pretendo gastar algumas páginas desse texto falando sobre Bruno Latour, seria interessante começar ele parafraseando uma colocação do próprio Latour. Como ele mesmo disse no seu livro mais famoso esse texto é um ensaio e também uma hipótese (LATOUR, 1994: p.16). A hipótese é mais ou menos a seguinte, o polêmico “Manifesto do Ciborgue” apresentado ao mundo por Donna Haraway em 1985¹ teria sido uma influência fundamental para o polêmico ensaio “Jamais Fomos Modernos”, publicado por Bruno Latour em 1991².

Devo começar esclarecendo a importância de trazer essa hipótese aqui. Primeiro, desde os anos setenta, tanto Latour quanto Haraway têm prestado uma contribuição de peso aos historiadores e cientistas sociais, na medida em que tornaram as tecnociências um campo de investigação mais próximo desses pesquisadores.

* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina

¹ No Brasil o respectivo ensaio de Haraway foi publicado em 2009 dentro do livro “Antropologia do Ciborgue – As vertigens do pós humanos”. Além do Manifesto do Ciborgue o livro trás os textos de Hari Kunzru “Você é um ciborgue: Um encontro com Donna Haraway” e “Genealogia do Ciborgue”, também citados aqui.

² O ensaio de Latour foi publicado a primeira vez em 1991. A primeira tradução brasileira citada aqui é de 1994.

Segundo, tanto Bruno Latour quanto Donna Haraway tem trajetórias acadêmicas bem consolidadas, marcadas pela pesquisa e publicação de artigos bem como pela docência em universidades. Contudo seus textos de maior repercussão mundial são os ensaios que aqui estão em foco. O que chama a atenção nos respectivos ensaios é que eles são verdadeiros manifestos. Através de uma escrita livre, sem muita preocupação com o rigor acadêmico, ambos os autores aproveitam para questionar vários paradigmas modernos, quando não o próprio estatuto da modernidade.

Por terceiro e último, os questionamentos feitos por esses autores em seus ensaios só são possíveis na medida em que eles criam uma espécie de linguagem política, emprestando termos originários da ciência e/ou da ficção científica. No caso de Donna Haraway é a figura do ciborgue; no de Bruno Latour é a figura do híbrido.

Os leitores de Latour devem saber que ele já manifestou seu apreço por Haraway e seus ciborgues em obras posteriores a seu ensaio mais famoso (LATOURE, 2001; LATOUR, 2004). Entretanto, ainda não foi debatido até que ponto os ciborgues de Haraway teriam instigado o surgimento dos híbridos de Latour. É essa hipótese que discutirei adiante em função de algumas semelhanças apresentadas entre ambos os ensaios. No caminho apareceram questões relacionadas a ficção, linguagem e modernidade. Não obstante, vale começar falando um pouco sobre a trajetória dos autores em questão, para entender como eles chegaram nos ciborgues e nos híbridos, respectivamente.

TRAJETÓRIAS NA CIÊNCIA

Tanto Bruno Latour quanto Donna Haraway chamam atenção pelas maneiras distintas pelas quais eles acabaram por se relacionar com a ciência e a tecnologia. Vale começar pela trajetória de Haraway, que foi relativamente mais tradicional. Como ressaltou o ensaísta Hari Kunzru, “Haraway pode ser considerada uma pensadora pioneira sobre a relação de amor e ódio das pessoas com as máquinas” (KUNZRU, 2009: p.21).

Quais seriam as origens desse pioneirismo? No final dos anos sessenta Haraway estava na Universidade de Yale, estudando para obter seu doutorado em

biologia celular, ao mesmo tempo em que residia numa comunidade alternativa e militava no movimento feminista e no movimento pelos direitos civis (KUNZRU, 2009: p.29). Ironicamente Haraway é uma veterana da contracultura dos anos 60, “uma época que não é conhecida por sua fé na transformação tecnológica” (KUNZRU, 2009: p.22). Logo, o que teria levado ela a pensar a tecnologia e a ciência?

Talvez tivesse sido inevitável que Haraway acabasse misturando ciência e política, rompendo, assim, um dos grandes tabus de nosso tempo. Enquanto estudava para obter um doutorado em biologia, em Yale, no final dos anos sessenta, Haraway deu-se conta de que “aquilo no qual estava realmente interessada não era tanto a biologia como a ciência da investigação, mas a forma como ela é parte da política, da religião e da cultura em geral. (KUNZRU, 2009: p.29)

No final das contas o doutorado em biologia de Haraway tornou-se uma investigação sobre os usos da metáfora na biologia do século XX. Após essa investigação ela selou seu caminho com a história das ciências, vindo a assumir essa cadeira na Universidade John Hopkins no final dos anos setenta. (KUNZRU, 2009: p. 30). Posteriormente, nos anos oitenta, Haraway foi convidada por Hayden White para integrar o departamento de História da Consciência na universidade de Santa Cruz da Califórnia, onde continuou suas investigações no campo da história da ciências e da teoria feminista (LYKKE, 2009: p.153).

Se Haraway passou pela Biologia para chegar na história das ciências, Bruno Latour foi um pouco mais heterodoxo. Ele viveu sua formação inicial em Dijon, região provincial da França, onde seguiu um curso muito tradicional de filosofia, habituado a exegese dos textos clássicos (DOSSE, 2004: p.35). Logo após terminar sua formação, partiu para a África, no início dos anos setenta para cumprir o serviço militar. Latour passou dois anos na costa do Marfim, onde teve contato com as ciências sociais, especialmente com a antropologia. Ao voltar para a França em 1975, desenvolveu uma tese em filosofia intitulada “Exegese e Ontologia” (DOSSE, 2004: p.35). Paradoxalmente, esse questionamento da verdade religiosa fez Latour se interessar pelas ciências, afim de entender aquilo que fundamentava a verdade científica (DOSSE, 2004: p.35-36).

Esse interesse levou Latour ao laboratório de Roger Guillemin. Neuroendocrinologista reconhecido internacionalmente, Guillemin era nativo da mesma

província que Latour, e recebeu seu contrêrrâneo na Califórnia no Instituto Salk. É nesse laboratório extremamente movimentado que Latour realizou seu trabalho de campo entre 1975 e 1977 (DOSSE, 2004: p.36). As pesquisas de Guillemin garantiram ao neuroendocrinologista o Prêmio Nobel de medicina em 1977 (DOSSE, 2004: p.36). Pouco tempo depois, Latour publicou os resultados de sua etnografia nesse laboratório internacionalmente renomado (DOSSE, 2004: p.36). Lançado em 1979, “A vida no laboratório” pode ser considerada a primeira tentativa de uma antropologia das ciências, tendo por método a etnografia dos próprios laboratórios.

Seria tentador classificar Donna Haraway como uma historiadora da ciências, e Bruno Latour como um antropólogo das ciências. Contudo, penso que é perceptível que ao longo de suas carreiras nenhum dos dois se contentou com suas respectivas fronteiras disciplinares. É justamente nos seus ensaios mais polêmicos que seu hábito de transgredir fronteiras pode ser melhor observado.

OS CIBORGUES DE HARAWAY

4

Porque será que Donna Haraway resolveu teorizar sobre ciborgues? Historicamente, robôs e pessoas artificiais fizeram parte da imaginação ocidental, pelo menos desde o iluminismo, sendo que o Frankstein de Mary Shelley é um ótimo exemplo disso (KUNZRU, 2009: p.122). Contudo, o termo ciborgue é datado apenas da metade do século XX. No final dos anos cinquenta em um hospital americano, uma experiência de sucesso conseguiu atrelar um rato a uma bomba osmótica que alterava seus parâmetros fisiológicos. Essa junção de um corpo orgânico a uma máquina deu origem ao termo organismo cibernético, abreviado simplesmente por ciborgue (KUNZRU, 2009: p.121). É essa junção desregrada entre corpos e máquinas que serviu de matéria-prima para a reflexão de Haraway. Nas palavras da autora:

As máquinas do final do século XX tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre aquilo que se autocria e aquilo que é extremamente criado, podendo-se dizer o mesmo de muitas outras distinções que se costumava aplicar aos organismos e às máquinas. Nossas máquinas são perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes. (HARAWAY, 2009: p.42)

Haraway argumenta que no final do século XX já poderíamos todos ser considerados “quimeras, híbridos – teóricos e fabricados - de máquina e organismo”; em suma, já todos somos ciborgues (HARAWAY, 2001: p.37). Logo, seu “ensaio é um argumento em favor do prazer da confusão de fronteiras” (HARAWAY, 2009: p.38). Um ensaio que por mais ingênuo que possa parecer, carrega consigo novas responsabilidades, assim como possibilidades. Não obstante a autora ressalta logo no início de seu manifesto:

Este ensaio é um esforço para construir um mito político, pleno de ironia, que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo. Um mito que poderá ser, talvez, mais fiel – na medida em que a blasfêmia possa sê-lo – do que uma adoração ou uma identificação reverente. (...) A ironia tem a ver com contradições que não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidades mais amplas: ela tem a ver com a tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras. A ironia tem a ver com o humor e o jogo sério. Ela constitui também uma estratégia retórica e um método político que eu gostaria de ver mais respeitados no feminismo socialista. No centro de minha fé irônica, de minha blasfêmia, está a imagem do ciborgue. (HARAWAY, 2009: p.35)

Não é a toa que Haraway afirma que o ciborgue é uma estratégia retórica, tanto quanto um método político, uma vez que para ela a política do ciborgue é a “luta pela linguagem” (HARAWAY, 2009: p.88). Nesse ponto vale destacar que a inspiração de Haraway vem tanto dos híbridos da realidade social quanto dos textos da ficção científica. Como ela mesma enfatiza, os ciborgues que habitam a ficção científica tornaram bastante problemática as divisões existentes entre homens, mulheres, raças, artefatos e corpos (HARAWAY, 2009: p.93). Por isso mesmo ela vê o ciborgue como “uma criatura de realidade social”, mas também uma criatura de ficção, uma “ficção capaz de mudar o mundo” (HARAWAY, 2009: p.36).

Para entender o pensamento de Haraway é preciso entender que a realidade contemporânea implica uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam. (KUNZRU, 2009: p.22) O mundo de Haraway é um mundo de complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” para a lata do lixo. (KUNZRU, 2001: p.24). Talvez esse seja o grande objetivo de Haraway, jogar para a lata do lixo as grandes oposições que atravessam o pensamento ocidental. Oposições que permitem

desde a separação dos corpos pelo gênero até a separação completa entre natureza e cultura. Nas palavras da própria Haraway quando as pessoas descrevem algo como sendo “natural”, elas estão dizendo que “é assim que o mundo é, não podemos muda-lo” (KUNZRU, 2001: p.24). Por isso mesmo ela afirma que o manifesto do ciborgue é um esforço de contribuição para a teoria socialista “de uma forma não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas ao mesmo tempo um mundo sem fim” (HARAWAY, 2001: p.38). Aqui, pode-se ver o principal ataque que Haraway faz as narrativas teleológicas da Modernidade:

As narrativas de origem, no sentido “ocidental”, humanista, dependem do mito da unidade original, da idéia de plenitude, da exultação e do terror, representados pela mãe fálica da qual todos os humanos devem se separar – uma tarefa atribuída ao desenvolvimento individual e à história, esses gêmeos e potentes mitos tão fortemente inscritos, para nós, na psicanálise e no marxismo. (p.39)

Para Haraway o ciborgue não obedece ao projeto édipico, não pode ser salvo pelo apocalipse e muitos menos sonha em retornar ao jardim do Éden. Ela faz questão de ressaltar que “a encarnação ciborguiana está fora da história da salvação” (HARAWAY, 2001: p.38).

Ficção científica, confusão de fronteiras, híbridos de carne e metal, essas são algumas das marcas dos ciborgues de Haraway, apresentados ao mundo em 1985. Sem esquecer dos ciborgues, que retornaram mais ao final, vale discorrer um pouco sobre os híbridos de Latour, que vieram ao mundo em 1991. Estes, talvez sejam um pouco mais complexos do que os ciborgues. Mas é possível enxergar algumas (ou muitas) semelhanças entre eles.

LATOUR E SEUS HÍBRIDOS

Em 1991 Bruno Latour publicou o seu livro manifesto “Jamais Fomos Modernos”, posteriormente traduzido em 18 línguas (SZTUTMAN e MARRAS, 2004: p.397). A palavra híbrido é utilizada ali com um objetivo bem específico, desmontar “a ilusão moderna de que é possível isolar o domínio da natureza, das coisas inatas, do domínio da política, da ação humana” (SZTUTMAN E MARRAS, 2001: p.397). Não é

a toa que o subtítulo do livro é “Ensaio de Antropologia Simétrica”. Ele se insere no conjunto de reflexões que o autor desenvolveu desde os anos setenta sobre as possibilidades de uma antropologia das ciências. Para Latour, os laboratórios de alta tecnologia, “são lugares privilegiados de investigação etnográfica para uma antropologia das ciências, coração de uma antropologia da modernidade” (SZTUTMAN E MARRAS, 2004: p.397). Não obstante sua reflexão antropológica, Latour não recusa o rótulo de historiador das ciências (SZTUTMAN E MARRAS, 2001: p.397). Como ele mesmo disse uma vez “para nós, que somos historiadores da ciência”, “as provas de que jamais fomos modernos são mais fortes” (SZTUTMAN E MARRAS, 2004: p.401). Por isso mesmo, o ensaio mais famoso de Latour pode ser encarado como um livro de história moderna. Para entender os seus híbridos, é necessário entender como a modernidade se constituiu de maneira a escondê-los, ou melhor, negá-los.

No seu polêmico ensaio Latour argumenta que a modernidade não tem nada a ver com a invenção do humanismo, nem com a irrupção das ciências, nem com a laicização da sociedade, muito menos com a mecanização do mundo. (LATOURE, 1994: p.40) Na verdade, ela tem a ver com o nascimento conjunto da “não-humanidade” das coisas, dos objetos e das bestas (LATOURE, 1994: p.19). Logo a modernidade seria uma separação de caráter constitucional entre o mundo natural e o mundo social (LATOURE, 1994: p.19). Uma constituição tão sofisticada que permitiu um processo de “purificação”, do qual emergem duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. (LATOURE, 1994: p.16). Os artigos da constituição moderna foram tão bem redigidos, que ninguém ousa parar para questionar essa dupla distinção ontológica (LATOURE, 1994: p.19). É como se a constituição moderna tivesse criado um abismo entre a natureza e a sociedade (LATOURE, 1994: p.86). Nas palavras do próprio Latour:

Ocorre, com as grandes massas da natureza e da sociedade, o mesmo que ocorre com os continentes resfriados na tectônica das placas. Se desejamos compreender seu movimento, precisamos descer nessas fendas em chamas onde o magma irrompe e a partir do qual serão produzidas, por resfriamento e empilhamento, as duas placas continentais sobre as quais nossos pés estão firmemente fixados. (LATOURE, 1994: p.86)

Nesse abismo existente entre natureza e sociedade, humanos e não humanos, estão os híbridos de natureza e cultura, dos quais o trabalho de purificação moderno tentou se livrar. Contudo, esse grande abismo não foi cavado da noite para o dia. Por isso mesmo Latour preocupa-se em mostrar a parte da culpa que cabe aos filósofos na elaboração dessa constituição moderna. Como ele mesmo destaca:

Se simplificarmos muito, podemos discernir três grandes estratégias. A primeira consiste em fazer a grande separação entre os objetos e os sujeitos, cuja distância não pára então de crescer; a segunda, sob o nome de “vertente semiótica”, preocupa-se com o meio, abandonando os extremos; a terceira, enfim, isola o pensamento do Ser do pensamento dos entes. (LATOURE, 1994: p.56)

Essas três estratégias precisam ser um pouco melhor especificadas, visto que foram elas que permitiram apagar os híbridos da ontologia moderna. De início houve apenas a separação entre a política dos homens e a política da natureza. Latour ilustra isso muito bem através do duelo entre Hobbes e Boyle na Inglaterra do século XVII. Ali, Hobbes teria inventado uma ciência política para os homens, focada no parlamento, enquanto Boyle teria inventado uma política científica para a natureza, focada nos laboratórios (LATOURE, 1994: p.35). No século XVIII Latour atribui ao Kantismo a formulação final da constituição moderna. Com Kant e seus seguidores, “as coisas-em-si tornam-se inacessíveis enquanto que, simetricamente, o sujeito transcendental distancia-se infinitamente do mundo” (LATOURE, 1994: p.56). Por final, no século XX os pós-modernos concluem o trabalho de autonomia do sentido, começado pelos modernistas ainda no século XIX (LATOURE, 1994: p.61). Os pós-modernos levam o projeto modernista ao final, não por esquecerem do homem mas porque limitaram sua tarefa apenas ao discurso (LATOURE, 1994: p.62). O resultado final é que a constituição moderna garante que a síntese é impossível, pois “a natureza, o discurso, a sociedade, o Ser nos ultrapassam infinitamente, e estes quatro conjuntos só podem ser definidos através de sua separação” (LATOURE, 1994: p.88).

A Antropologia moderna é para Latour um dos melhores exemplos dessa impossibilidade de reconciliação entre natureza e sociedade. “Formada pelos modernos para compreender aqueles que não o eram”, a antropologia “evita estudar os objetos da natureza e limita a extensão de suas pesquisas apenas às culturas” (LATOURE, 1994: p.91). Nas palavras do próprio Latour:

Como é possível que alguém não veja uma diferença radical entre a natureza universal e a cultura relativa? Mas a própria noção de cultura é um artefato criado por nosso afastamento da natureza. Ora, não existem nem culturas nem uma natureza universal. Existem apenas natureza-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações. (LATOURE, 1994: p.102)

Para Latour apenas uma antropologia simétrica, ou melhor, uma antropologia do centro, permitirá mergulhar no abismo que existe entre as duas placas à procura desses híbridos constituídos de natureza-culturas.

RELAÇÕES ENTRE HÍBRIDOS E CIBORGUES

Depois dessa pequena descrição dos híbridos é válido trazer de volta os ciborgues, para pensarmos um pouco o que podemos apreender com os dois. Donna Haraway inspirou-se na ficção científica para pensar uma teoria que desse conta das estranhas misturas de corpos e coisas que estão cada vez mais presentes em nosso mundo. Como comentado, seus ciborgues fazem parte de uma proposta socialista-utópica que visa superar as dicotomias que começam por separar os corpos em espécies, raças e gêneros, para terminar com a separação total entre o natural e o artificial. Vale lembrar mais uma vez que para autora “quando as pessoas dizem que algo é natural, estão dizendo que não podemos mudá-lo”. Talvez o grande objetivo da blasfêmia de Haraway seja lembrar que aquilo que é artificial foi construído e que por isso mesmo pode ser reconstruído.

Em relação aos híbridos de Latour, vale lembrar que os ciborgues de Haraway vieram ao mundo alguns anos antes deles, e como ela própria afirmou, os ciborgues são antes de tudo híbridos. O que cabe perceber nessa breve comparação é que a discussão de ambos os ensaios gira em torno da grande dicotomia que tenta separar o natural do artificial, ou seja, negar as naturezas-culturas. Contudo, Latour foi muito mais longe na sua radical contestação da modernidade.

A constituição moderna teria sido a grande responsável pela criação de um domínio dos humanos e um domínio dos não humanos. Pode parecer tentador situar Latour como um anti-moderno, em função da radical contestação que ele faz da modernidade. Entretanto, ele enfatiza que “tanto os anti-modernos quanto os pós-

modernos aceitaram o terreno de seus adversários”, os modernos. (LATOURE, 1994: p.52). Logo, esses rótulos são inúteis para alguém que quer encontrar aquilo que a constituição moderna tentou esconder, os híbridos.

Por falar neles, vale encerrar essa breve comparação com uma indagação. Pouco mais de uma década após a publicação de “Jamais fomos modernos”, ao ser perguntado sobre seus híbridos Latour respondeu que “hibridização não é um bom termo, “se o empreguei, foi simplesmente para testá-lo”, e ainda ressaltou “usei o termo híbrido para começar a discussão” (SZTUTMAN e MARRAS, 1994: p.406). Aqui fica a pergunta, será que os híbridos não foram para Latour uma espécie de blasfêmia, carregada de ironia, da mesma maneira que os ciborgues foram para Donna Haraway? Se a resposta for sim, acho que podemos concordar que ambos escreveram blasfêmias com o intuito de superar a distinção moderna entre natureza e cultura, humanos e não humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

10

DOSSE, François. **O império do sentido: a humanização das ciências humanas**. Baurú: EDUSC, 2003. 448 p.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 1994. 149 p.

LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Baurú: EDUSC, 2001. 371 p.

LATOURE, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Baurú: EDUSC, 2004. 411 p.

LYKKE, Nina. Donna Haraway. In: SCOTT, John. **50 grandes sociólogos contemporâneos**. São Paulo: Contexto, 2009. 238 p.

KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 126 p.

SZTUTMAN, Renato; MARRAS, Stelio. **Por uma antropologia do centro: Entrevista com Bruno Latour**. Mana vol.10 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132004000200007&script=sci_arttext. Acessado em: 03/02/2012